

A perda da fé.

A seguinte imagem da posição do homem na sociedade, (ou da sociedade enquanto conjunto de homens), é possível: tecido que vibra com informações que pulsam. Tal tecido pode ser imaginado como sendo composto de fios que transportam mensagens, ("canais" ou "media"). Em seguida é preciso imaginar que tais fios se cruzam de diversas maneiras, e que informações se re-prezam e misturam em tais pontos de cruzamento. Tais nós podem ser chamados "emissores e receptores", ou "espíritos", ou "intelectos", ou com denominação que dependerá da preferência de quem aplica tais etiquetas. Quem conseguir tal feito de imaginação, (o qual é fácil sómente à primeira vista), terá elaborado modelo útil para a orientação na crise que nos engloba.

Uma das vantagens da imagem proposta é a de ilustrar a vacuidade de vários problemas. Por exemplo do problema da dita dialéctica entre o homem e a sociedade. Será o homem função da sociedade ou a sociedade função do homem? O homem viverá para a sociedade, ou a sociedade funcionará para o homem? Há oposição entre consciencia "individual" e "coletiva", entre "a alma "imortal" e a "alma do povo"? Será a cultura produto do espírito, ou o espírito produto da cultura? Transferidas à imagem proposta tais perguntas carecerão de significado. O tecido imaginado é composto de fios, e a mão que penetrará nele nada captará a não ser os fios. Os nós formados pelos fios, e o próprio tecido formado por eles, não passam de combinações de fios. Ou: os fios, (as mediações, as relações), são o que há de concreto, e os nós e o próprio tecido, (o homem e a sociedade), são conceitos abstratos do campo relacional concreto. O problema da relação entre o homem e a sociedade é ilustrado, pela imagem, como problema abstrato.

Outra vantagem da imagem proposta é que ilumina certos problemas com luz inusitada. Por exemplo o da memória. Não que tal problema não seja central em vários contextos. Na filosofia socrática é a memória o armazem de ideias, portanto lugar que liberta dos erros provocados pelas meras aparências. No pensamento judeu é a memória o lugar no qual vivem os mortos, portanto da imortalidade. Na psicologia é a memória o lugar no qual vivências são ou não são digeridas, portanto lugar de intervenções "libertadoras". Na cibernética é a memória armazem de informações, portanto sistema que pode ser artificialmente elaborado, simulará memórias humanas, e as ultrapassará em vários aspectos. Mas embora em tais contextos, (e em outros), o problema da memória seja central, a imagem aqui proposta o coloca sob forma mais crua: se "homem" e "sociedade" são imaginadas enquanto memórias, (parciais e totais), o problema de armazenamento e da produção de informações passa a ser o problema existencial mesmo.

Tal colocação é crua e radical, porque articula uma antropologia negativa. Se imaginamos o homem enquanto memória, estou imaginando um ponto

de coincidência de informações, (um "cabide para relações"), e não um algo concreto, (uma "consciência", uma "alma", uma "coisa pensante"). Por certo: tal antropologia pode perfeitamente sintetizar os significados de "memória" do passado: o homem será memória em sentido socrático, judeu, psicológico, cibernético e outros. Mas não mais será "essência", (algo que é), mas "existência", (uma maneira de sêr). Tal antropologia subjacente à imagem proposta existencializa o problema da memória ao imaginar o homem enquanto maneira de receber informações, armazená-las, e emití-las.

As informações que pulsam no tecido imaginado e que constituem memórias parciais nos pontos de interrupção de trânsito, (nos "nós" em ambos os significados do termo), são do tipo "informações adquiridas". Não que a distinção entre informação "adquirida" e "herdada" seja possível. Há tódo um terreno intermediário de informações para as quais tal distinção carece de sentido. A pergunta se nascemos com a capacidade para a fala, ou se aprendemos a falar, não é boa. Mas, não obstante, o tecido imaginado pulsa apenas com informações adquiridas, ("culturais"), porque as informações herdadas, ("genéticas"), têm ritmo de transformação demasiadamente lento para ser percebido como pulsação do tecido da sociedade. A capacidade "natural" para a fala obedece a ritmo superhumanamente lento, e é portanto percebida como "constante" no tecido imaginado. Por isto os que acentuam a "condição natural", "herdada", "genética" etc. do homem cometem traição, (embora não erro), porque acentuam o não modificável: traem o ritmo da pulsação que somos.

É relativamente fácil dizer como tais informações adquiridas são armazenadas: em "códigos", (aonx "código" é símbolos ordenados em sistema). O caráter simbólico das informações adquiridas e armazenadas em memórias é importante. Informações do tipo simbólico devem ser aprendidas em dois níveis: ao nível do símbolo, (da "mensagem"), e ao nível do código, (da ordem na mensagem). Isto implica que uma dada memória só pode armazenar informações, se estiver programada para os códigos nos quais estas são cifradas. Informações codificadas por códigos não programadas em determinadas memórias, (sejam elas homens ou sociedades), não são recebidas enquanto informações significativas, mas enquanto ruídos.

A dificuldade implícita na imagem proposta reside alhures. Impõe a pergunta: "de onde advêm as informações que pulsam no tecido?" Sabemos, desde Kant, que tal pergunta deve ser desdobrada em duas, para ter sentido. A saber: "de onde vêm as influências codificáveis?", e "de onde vêm os códigos?", porque informações não advêm já prontas e codificadas. Kant mostrou à satisfação que a pergunta primeira é "metafísica" no mau significado do termo. Porque tóda resposta possível deve, ela própria,

3

ser codificada para ter significado, portanto toda possível resposta se pressupõe a si mesma. Mas quanto à segunda pergunta, a imagem proposta escapa ao âmbito kantiano. Para Kant os códigos, (as "categorias da razão", ou as "formas simbólicas" neo-kantianas), transcendem a experiência e a informam, são "a priori". Mas a imagem proposta sugere que é possível observar-se, na própria pulsação do tecido comunicativo, como códigos surgem, são elaborados, e se esgotam.

Informações codificadas são produzidas nos mesmos dois níveis nos quais são recebidas, no da mensagem, e no da ordem da mensagem. Podemos facilmente observar como o tecido produz informações no primeiro nível: várias memórias são acopladas para intercambiar as informações que armazenam, e assim informação nova é sintetizada. Tal acoplamento, chamado "diálogo", é sumamente eficiente em estruturas como o é o discurso da ciência, e podemos observar como informações novas jorram em avalanches a partir de tais círculos dialógicos para inundar o tecido todo. Mas o que interessa aqui é observar como são produzidas informações no segundo nível, como códigos são elaborados.

Por certo: códigos surgem em toda parte como cogumelos depois da chuva. Por exemplo: o sr. Morse propõe um código, e este vai sendo aceito por toda uma região de comunicações dentro do tecido. Ou: um artista propõe um novo sistema simbólico para "dizer o até então inefável", (o que concorda com certas teorias românticas quanto à "poesia"), e tal código vai se estabelecendo enquanto "tendência em arte". Mas tais códigos "especializados" que surgem e desaparecem em toda parte, (nos vários ramos da ciência e da tecnologia, nas várias "escolas artísticas", nas várias ideologias políticas etc.), não são o que a pergunta "de onde vêm os códigos?" demanda. A pergunta é mais radical e demanda a origem de códigos "fundantes" que programam toda uma sociedade.

Não há sentido em falar-se em "códigos primeiros", (no sentido das "categorias transcendentais"), porque todo código exige outro, (o código Morse foi codificado em inglês, e a língua inglesa pressupõe línguas anteriores), e porque toda pergunta quanto à origem no significado radical, "Ursprung", é pergunta mal posta. No entanto, é possível falar-se em códigos "fundantes", se tomarmos por critério a ordem pela qual símbolos são organizados. Aí poderemos distinguir entre códigos lineares, planos, tridimensionais, temporais diacrônicos, sincrônicos etc. Cada qual desses tipos de códigos poderá ser considerado "fundante" para toda uma série de outros, que lhe serão subsequentes.

Todo tipo fundante de código pode ordenar símbolos da mais variada proveniência. Por exemplo: códigos lineares podem ser compostos de letras, (escrita alfabética), números, (notação matemática), imagens, (códigos filmicos), pedrinhas, (abaco), nós, (notação incaica) e assim em diante.

-4-

O que importa é que, a despeito da diversidade dos símbolos, as informações codificadas linearmente são tôdas do mesmo tipo: devem ser "lidas" (os símbolos devem ser decifrados um por um seguindo a linha que os ordena). De maneira que embora o código filmico e o fotográfico sejam compostos de símbolos comparáveis, as informações codificadas filmicamente têm caráter inteiramente diverso do das informações fotografadas.

A tôdo código fundante corresponde um determinado "universo de significado". Aos códigos lineares corresponde um universo "processual", no qual os significados dos símbolos são relacionados entre si como são relacionados os símbolos entre si no código: em linhas progressivas. Aos códigos planos corresponde um universo "cênico", no qual os significados dos símbolos são relacionados entre si como se relacionam os símbolos dentro da superfície de uma imagem. E isto pode ser verificado com respeito a tôdo código fundante: está como que cercado de um universo de significado, o qual no entanto não "transcende", mas com o qual está em retroalimentação constante. Projeta-o e nele se verifica.

A origem de um nôvo código fundante é acontecimento raro, mas não obstante observável. Um dos exemplos é a "invenção" da escrita linear no Oriente Próximo no terceiro milênio a.C., outro é a "invenção" do código tecnoimaginário, (o dito "audiovisual"), no Ocidente da atualidade. E observável como se desenvolve, a partir de uma forma fundante, (da escrita linear pictográfica no Norte da Mesopotâmia), tôda uma série de sub-códigos, (hieroglifos, alfabetos, códigos numéricos, lógicos, científicos, artísticos etc.), como, ao longo de uma história de cinco mil anos são projetados, verificados, falsificados e reabsorvidos tôda uma série de universos de significado, e como, atualmente, o tipo fundante de código, o linear, tende a esgotar-se. O que é de observação mais difícil, por proximidade excessiva, é o atual surgimento de um nôvo tipo de código fundante a preencher o vácuo deixado pela decadência dos códigos lineares, e a espalhar-se pelo tecido comunicativo do qual participamos enquanto memórias receptoras e emissoras.

O tecido aquí imaginado, (o da sociedade ocidental), é programado basicamente para informações codificadas linearmente, para "textos", embora informações codificadas diferentemente também pulsem por seus fios. É possível observar-se, atualmente, como o tecido se dissolve. Porque estão surgindo ilhas nele, nas quais as informações pulsam em códigos "audiovisuais", (ilhas do tipo TV e códigos de trânsito, mas também do tipo modelos científicos e técnicos), e porque tais ilhas tendem a espalhar-se qual câncer pelo tecido tôdo. O tecido ocidental é incapaz a absorver tais ilhas, (armazenar suas informações em sua memória), porque não está programada para os códigos nos quais estão cifradas. Mas as ilhas, estas sã, são capazes para absorver a comunicação ocidental, traduzir de códigos lineares em tecnoimaginários, (de scripts em filmes e de novelas em programas TV, mas

-5- 5

também de fórmulas químicas em modelos atômicos, e de equações para programas de computadores).

A mesma descrição pode ser reformulada, se o ponto de vista fôr modificado: os participantes atuais da sociedade ocidental, (os nós no seu tecido), são memórias programadas basicamente para informações codificadas linearmente, embora possam receber e emitir também em outros códigos, (especialmente em imagens e em palavras faladas). Mas são incapazes para armazenar as informações que as irrigam ininterruptamente provindas das ilhas de comunicação tecnoimaginária, porque este tipo de código não está no seu programa. Destarte se transformam, com respeito a tais informações, de memórias em meras passagens, o nó que são se desfaz, e surge o que é chamado "o homem massificado": Esse relaxamento dos nós é acompanhado pelo afrouxamento dos fios que medeiam entre eles, o que resulta naquele amolecimento das relações inter-humanas chamado "a massa solitária". As ilhas dos novos códigos que se espalham incorporam por sua vez, tais memórias em dissolução para tecer um novo tecido com eles, chamado "cultura de massa", isto é para recodificar o seu programa linear em novo programa.

A imagem proposta, na qual "homem" e "sociedade" são conceitos abstratos de um campo concreto de relações de comunicação, permite dizer que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental não passam de abstrações de um programa concreto: o dos códigos lineares. Que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental "existem em função" de tal programa. Se substituirmos o termo "programa" pelo termo "fé", (substituição essa que se impõe, dado o caráter existencial do termo "programa"), podemos dizer que tanto o homem ocidental quanto a sociedade ocidental são funções de determinada fé, sem a qual não existem, nem tem sentido falar-se neles.

Tal fé específica, (a qual não temos, mas a qual nos tem a nós), pode ser articulada, se considerarmos tratar-se de fé linearmente codificada. É fé em mundo processual, em mundo estruturado em linhas. Portanto fé no Ser enquanto Ir-para, na vida enquanto progresso rumo a, no tempo enquanto fluxo de instantes irrevogáveis e únicos, no vir-a-ser enquanto desenvolvimento, em explicação enquanto desenrolar do implícito, na possibilidade de captar-se o mundo por dissolução em pontos claros e distintos, em suma: fé que códigos lineares "captam a realidade". Em outros termos: memórias programadas por códigos lineares, (como o somos nós), existem "históricamente", porque acreditam que o "mundo acontece".

Tal fé, a qual não apenas sustenta a nossa existência, mas a põe, pode portar informações de tipos variáveis, e efetivamente o fez ao curso dos milênios: pode projetar vários universos de significado, verificá-los, falsificá-los, reabsorvê-los, e projetar outros. Por exemplo o universo da filosofia grega, da profecia judaica, do cristianismo, do humanismo, do marxismo. A despeito das óbvias diferenças entre tais universos, todos

eles são projeções da mesma fé fundante; da fé linear no progresso. A partir das aparências até as ideias, do mundo até Deus, do pecado até Cristo, do animal até o homem perfeito, da alienação até a sociedade comunista. Tais universos, e outros comparáveis, tem sido projetados ao curso da nossa história, (que é a única "história", por sermos a única sociedade programada para códigos lineares), tem sido modificados e reabsorvidos, tem-se influenciado mutuamente, e continuam pairando, mais ou menos esvaziados, quais espectros em tórno do tecido da nossa sociedade.

Pois essa série de universos está atualmente encerrada. Porque o universo das ciências naturais é a derradeira realização do nosso programa. Nele a fé ocidental se projeta integralmente. É universo o qual, quando reabsorvido, revela no seu fundo a estrutura pura do código linear: a lógica e a matemática. A história do Ocidente se esgota em tal universo, porque esse universo realiza tôdas as virtualidades contidas no programa. Quando o universo é reabsorvido, (quando a Fé na Ciência se perde), perdeu-se a fé ocidental tout court, porque a fé na ciência é a fé ocidental resumida. E a retomada do universo da ciência é inevitável, como o é a de tôdos os demais universos possíveis, quando se torna transparente para o seu projeto: é isto que está acontecendo atualmente com o universo das ciências.

Pois a imagem aqui proposta serve de ilustração para a crise atual, ao mostrar que se trata de crise da fé. Nossas memórias estão em dissolução porque o seu programa está se esgotando: não podemos mais armazenar as informações que sobre nós impingem, porque a estrutura de nosso programa se esvazia, e porque não somos programados para as informações provindas das ilhas nôvas; nossas memórias estão em dissolução porque não somos programados adequadamente para o mundo codificado que nos cerca. Isto implica que, a rigor, não mais existimos. Tôdos os demais sintomas da crise: o afrouxamento do tecido da sociedade, o isolamento individual, a decadência dos métodos de armazenamento, (dos "conhecimentos e valores"), não passam de epifenômenos da perda de fé que nos corroi por dentro, que desfaz os nós que somos, e que faz com que não mais existimos.

O abismo aberto debaixo dos nossos pés pela perda da fé é, no entanto, também abertura. Permite vêr o além do nosso programa. Por certo: nossa geração não poderá penetrar a terra vista, porque, qual Moisés, somos prisioneiros de categorias que nos programam, embora tenhamos perdido a fé nelas. Mas podemos observar como as gerações nôvas, menos alfabetizadas que a nossa, emigram da história e adentram a terra incógnita da pós-história, programada não-linearmente. Observámo-lo com esperança e receio, porque esta é a nossa tragédia e grandeza: somos simultâneamente a última e a primeira geração, fundadores de fé que não podem compartilhar, em soma: geração em crise.